

ICMBio

Edição 556 – Ano 12 – 8 de maio de 2020

em foco

Animais “passeiam” em trilhas de parques

ICMBio investiga causa da morte de peixes no Maranhão

Cemave colabora com livro sobre albatrozes e petréis



Cemave colabora com livro sobre albatrozes e petréis



Publicação traz normas e protocolos atualizados para auxiliar profissionais de aves marinhas

O Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (Cemave), do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), é colaborador do livro *Reabilitação de Procellariiformes* (albatrozes, petréis e pardelas), lançado pelo Instituto de Pesquisa e Reabilitação de Animais Marinhos (IPRRAM) e o Projeto Aves Amar em parceria com o Projeto Albatroz. A publicação sistematiza o conhecimento e informa as melhores práticas de manejo destes animais.

Todos os anos, há um elevado número de Procellariiformes ao longo da costa brasileira. Este grupo é formado por aves exclusivamente oceânicas, cuja reabilitação em cativeiro é um grande desafio. Muitos chegam severamente debilitados e precisando de cuidados intensivos de grande qualidade técnica para ter alguma chance de sobreviver. A publicação traz um conjunto de protocolos atualizados que serão úteis

para todos os profissionais que trabalham na reabilitação destas aves marinhas - muitas delas ameaçadas de extinção.

O livro conta com o apoio do Cemave desde 2014, e é parte da implementação de ação específica do Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis, o Planacap, coordenado pelo Cemave. Segundo Patrícia Serafini, do Cemave, o livro nasce após muitos anos de aperfeiçoamento dos profissionais envolvidos e compilação de informações sobre as melhores práticas conhecidas no Brasil e no exterior para lidar com estas aves que chegam aos centros de reabilitação ao longo do litoral brasileiro.

A publicação pode ser acessada e baixada gratuitamente [aqui](#).

ODS relacionados



Neste ano, a observação dos pássaros será feita em casa

Global Big Day incentiva a observação de aves

No próximo sábado (9), acontecerá o maior evento voltado para a observação de aves no mundo: o Global Big Day, criado pelo Laboratório de Ornitologia da Universidade Cornell, na América do Norte. O objetivo do evento, organizado anualmente, é reunir listas de espécies observadas em um único dia em todo o planeta. A atividade, realizada em 2019, contou com a participação de 35 mil pessoas, em 174 países, gerando 92.000 listas de espécies.

Neste ano, ficar em casa não será empecilho para participar do evento: a contagem será realizada no local onde a pessoa reside, ou seja, ela poderá fazer do quintal ou jardim da casa ou da janela do apartamento. Para isso, é necessário baixar o aplicativo eBird no celular, observar e contar as aves, inserindo essas informações.

Segundo o Cemave, o fruto deste trabalho, de ciência cidadã, ajuda pesquisadores a

entender quem são, como estão, onde estão e quantas são as espécies de aves espalhadas pelo mundo. Os resultados podem auxiliar e orientar políticas e medidas de conservação e proteção da natureza.

O Cemave, que é apoiador desta atividade, conta que o Brasil é o segundo país com maior diversidade e riqueza de aves. Atualmente, o país exibe 1.919 espécies já registradas, de diversos tamanhos, cores e cantos. No mundo existem cerca de 10.000 espécies de aves.

Mais detalhes sobre o evento estão disponíveis [aqui](#).

ODS relacionados



Animais “passeiam” em trilhas de parque

Os parques nacionais da Tijuca e da Serra dos Órgãos, ambos no Rio de Janeiro, estão entre os campeões de visitação no país. Mas, nesta semana, eles receberam algumas visitas que não costumam entrar nas estatísticas.

Com o regime de isolamento implementado após a epidemia de Covid-19, no qual as unidades de conservação federais foram fechadas ao público como medida de contenção da propagação do vírus, a bicharada tem aproveitado a privacidade para passear com maior frequência nas áreas anteriormente frequentadas pelos humanos.

No Parque Nacional da Tijuca, sete espécies de animais diferentes já foram vistas, todas elas nativas: cutias, jabutis-tinga, saracuras do brejo, quatis, esquilos, macacos prego e até uma lagarta gatinho. Os animais foram vistos por alguns funcionários que prestam serviços essenciais e precisam circular pelo parque. As fotos e os vídeos foram feitos em locais de estradas de acesso a trilhas famosas, como a Estrada da Cascatinha, que dá acesso à trilha do Pico da Tijuca (ponto mais alto do Parque e o segundo mais alto da cidade do Rio de Janeiro); a Estrada das Paineiras, que é o caminho até o Corcovado, onde fica o Cristo Redentor, e o Parque Lage, um dos pontos turísticos mais frequentados do Rio. Esses locais costumam receber cerca de oito mil visitas diárias.

A bióloga e servidora do ICMBio, Katyucha Von Kossel, explica que diante deste cenário de isolamento social o aumento na circulação dos animais é normal. “A fauna do Parque se sente menos ameaçada com a ausência de pessoas e de barulho, que costuma ser provocado pela atividade humana. As cutias e saracuras, por exemplo, são mais tímidas e difíceis de visualizar andando calmamente”, detalha Katyucha.

Ainda de acordo com a bióloga, como esses animais vivem em um parque que fica no meio de uma megalópole, a particularidade do



Onça-parda no Parque Nacional da Serra dos Órgãos filmada em câmera-trap

Acena Parque Nacional da Serra dos Órgãos



Animais aproveitam ausência dos visitantes para transitarem por áreas que não iam antes

atual cenário está no fato de que, antes do isolamento social, a livre movimentação acontecia apenas entre algumas espécies e em algumas faixas de horários, como no início da manhã ou início da noite. Com essa pausa na visitação, veio a segurança para mais animais e para a circulação em diferentes horários. Deixou de existir, pelo menos temporariamente, o conflito com as atividades humanas em estradas e locais com alta movimentação de turistas, o que trazia riscos como mortes por atropelamentos ou o consumo de alimentos cedidos por visitantes.

Em busca da relação sustentável com a atividade humana, o chefe do Parque Nacional da Tijuca, André Mello, pontua questões importantes sobre o fenômeno observado recentemente. “Quando o Parque for reaberto, os visitantes precisam se lembrar que o limite de velocidade de circulação nas estradas que cortam o Parque é de 30 km/h e que os bichos nunca devem ser alimentados. O retorno à rotina pré-isolamento



Sector Floresta



social vai fazer com que os animais se afastem novamente dos pontos onde foram observados. Porém, o contato com as pessoas eventualmente vai acontecer. Então, é importante que todos saibam como agir, respeitando regras que visam a boa experiência de visitação e a preservação da fauna e da flora do parque”, orienta André.

Já no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, na região serrana do estado, quem tem marcado presença nas armadilhas fotográficas são as onças pardas (*Puma concolor*).

Desde o começo do isolamento, já foram registrados três momentos de passeio das onças pardas pelas armadilhas fotográficas espalhadas no parque e que fazem parte do Programa de Monitoramento da fauna silvestre da UC, que é coordenado pela analista ambiental Cecília Cronemberger. Uma dessas aparições é de uma fêmea com seu filhote. Além dos dois felinos, cachorros-do-mato (*Cerdocyon thous*),

gato-do-mato (*Leopardus sp.*), irara (*Eira barbara*) e furão (*Galictis cuja*) já marcaram presença nas câmeras instaladas em trilhas que recebem entre 500 e 1000 visitas por mês.

Segundo o chefe do Parque, Leandro Goulart, ainda há muito material armazenado nos cartões de memória das câmeras que ainda não foi analisado, ou seja, são esperadas ainda mais surpresas. Desde 2010, o Parque monitora a ocorrência de médios e grandes mamíferos com auxílio de armadilhas fotográficas, equipamentos fotográficos digitais com sensores térmicos e de movimento que, instalados pelos biólogos nas árvores, são acionados quando esses animais passam próximos a eles.

BICHOS À SOLTA

Não é só nos parques nacionais que os animais aproveitam a calma para sair da “toca”. Pelo mundo, alguns relatos de animais passeando até em áreas urbanas têm sido contados. Na Índia, cabras, macacos, pavões e búfalos já foram clicados em espaços urbanos vazios. Na Grã-Bretanha, cabras-da-montanha, cervos e ovelhas foram vistos nos gramados de casas. Já na Argentina, leões-marinhos aproveitam o silêncio para tomar um solzinho em Mar del Plata. No Japão, na cidade de Nara, o animal-símbolo da cidade, o cervo, circula pelas ruas em busca de alimento. Na Tailândia, foi gravada uma confusão entre 500 macacos (que costumavam ser alimentados por turistas) em busca de comida.

Já o leopardo-nebuloso-de-formosa, animal considerado extinto pela IUCN em 2013, foi novamente visto em Taiwan. Os especialistas não concluíram cientificamente por qual motivo esses relatos estão ocorrendo e que ainda é prematuro afirmar que os animais estão aparecendo por conta da diminuição da circulação de seres humanos, mas que esta é uma hipótese bastante válida. Os animais podem aumentar suas áreas de circulação e forrageamento (busca por alimento) em razão do menor movimento de pessoas.

ICMBio investiga causa da morte de peixes no Maranhão

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) realizou, entre os dias 4 e 5, sobrevoo e coletou material para averiguar denúncias relacionadas à grande mortalidade de peixes em diversas praias da Reserva Extrativista Arapiranga – Tromaí, no Maranhão.

A ação de fiscalização foi coordenada pela equipe da Resex e contou com apoio do Centro Tático Aéreo do Maranhão e do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). As denúncias vieram de pescadores beneficiários da Unidade de Conservação, que encaminharam fotos e vídeos mostrando a grande quantidade de peixes mortos nas praias.

O ICMBio tomou providências imediatas no sentido de investigar e monitorar a ocorrência. Os pesquisadores da Oceanografia da UFMA realizaram coletas de amostras da água, do pescado e de solo, além de aplicarem questionários com os pescadores. Durante a ação de coleta do material, a equipe esteve em sete locais distintos (Praias do Bacanga, do Lombo, do Cabo, de São Pedro, de Boa Vista e da Ilha de Fora). As ações de fiscalização e a política

de tolerância zero do ICMBio contra as infrações ambientais continuam ocorrendo dentro das unidades de conservação federais.

Durante as entrevistas com os pescadores, foi levantada a suspeita de que a mortalidade de peixes estava sendo provocada pela exploração mineral que fica no entorno da Resex. Assim, a área também foi vistoriada pela equipe que coletou amostras dos efluentes da atividade e verificou desmatamento no manguezal. As amostras coletadas foram enviadas para análise em laboratórios de referência em tecnologia ambiental e diagnóstico de minérios para identificação das características físicas e químicas.

A Reserva Extrativista Arapiranga – Tromaí é uma Unidade de Conservação federal, criada 5 de abril de 2018, sendo a segunda maior Resex Marinha do país, localizada nos mangues do litoral norte maranhense, nos municípios de Carutapera e Luís Domingues, abrange um território de 186.908 hectares, onde vivem aproximadamente 5 mil famílias beneficiárias, que possuem como principal atividade econômica a pesca.

Operação partiu de denúncias de moradores sobre anormal quantidade de peixes mortos na Resex



Acervo ICMBio

ODS relacionados



www.icmbio.gov.br



Vem aí Decreto nº 10.234/20

O Decreto nº 10.234/20 entrará em vigor a partir da próxima terça-feira (12) e vai trazer novidades na estrutura do ICMBio. Mais modernidade e eficiência para cuidar das nossas Unidades de Conservação e proteger a biodiversidade brasileira.



Adriano Gambarini

Muriqui-do-sul é uma das espécies contempladas na iniciativa conjunta

Iniciativa fortalece a conservação de primatas no interior paulista

Especialistas em primatas do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros (CPB) se juntaram a outros estudiosos do tema para intensificar os esforços de conservação de primatas da região de Barreiro Rico, que abrange os municípios paulistas de Anhembi, Botucatu, Piracicaba e São Pedro. As atividades incluíram vistoria técnica com sobrevoo sobre a Estação Ecológica e a Área de Proteção Ambiental de Barreiro Rico (ambas unidades de conservação geridas pela Fundação Florestal do Estado de São Paulo – FF/SP); e reunião técnica na Escola Superior Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), em Piracicaba. No encerramento do evento, foi assinada a Carta de Barreiro Rico, destacando a relevância da área para os primatas e listando ações prioritárias para a sua conservação.

A região de Barreiro Rico possui raros remanescentes de Mata Atlântica de interior, uma parte

deles protegidos por duas unidades de conservação estaduais, e que ainda abrigam cinco espécies de primatas: o muriqui-do-sul (*Brachyteles arachnoides*), o sagui-da-serra-escuro (*Callithrix aurita*), o bugio-ruivo (*Alouatta guariba*), o macaco-prego (*Sapajus nigritus*) e o sauá (*Callicebus nigrifrons*). Devido à perda e fragmentação de habitats, caça, tráfico, espécies invasoras e doenças como a febre amarela, o muriqui-do-sul e o sagui-da-serra-escuro estão categorizados como Em Perigo no Livro Vermelho de Espécies Ameaçadas de Extinção, enquanto o bugio-ruivo é considerado Vulnerável, e o macaco-prego Quase Ameaçado.

Segundo o coordenador do CPB, Leandro Jerusalinsky, estas são as únicas áreas com este tipo de fitofisionomia em que estas cinco espécies de primatas estão presentes conjuntamente, ressaltando a necessidade de garantir a

sobrevivência dessas populações e suas interações, bem como de proteger esses raros relictos da Mata Atlântica interioranos.

Há dois anos, um incêndio florestal que atingiu a região ameaçou o habitat destes primatas. “O sobrevoo e o percurso de trilhas nos permitiu verificar que a área foi muito impactada e que, apesar de alguns trechos já estarem em regeneração, seria importante uma intervenção de manejo florestal para acelerar a restauração ambiental e recompor mais rapidamente o pequeno e fragmentado habitat disponível para os primatas nessa região”, informa Jerusalinsky. Por outro lado, a vistoria também trouxe algumas boas notícias. “Confirmamos que os muriquis, os bugios e os saguis ainda estão na área e, o mais relevante, observamos um filhote de muriqui, indicando que estão se reproduzindo e que, portanto, a população pode vir a se recuperar do impacto sofrido”, complementa.

Além do CPB/ICMBio, a iniciativa teve participação de renomados especialistas em conservação de primatas, tais como: Russell A. Mittermeier, presidente do Grupo de Especialistas em Primatas

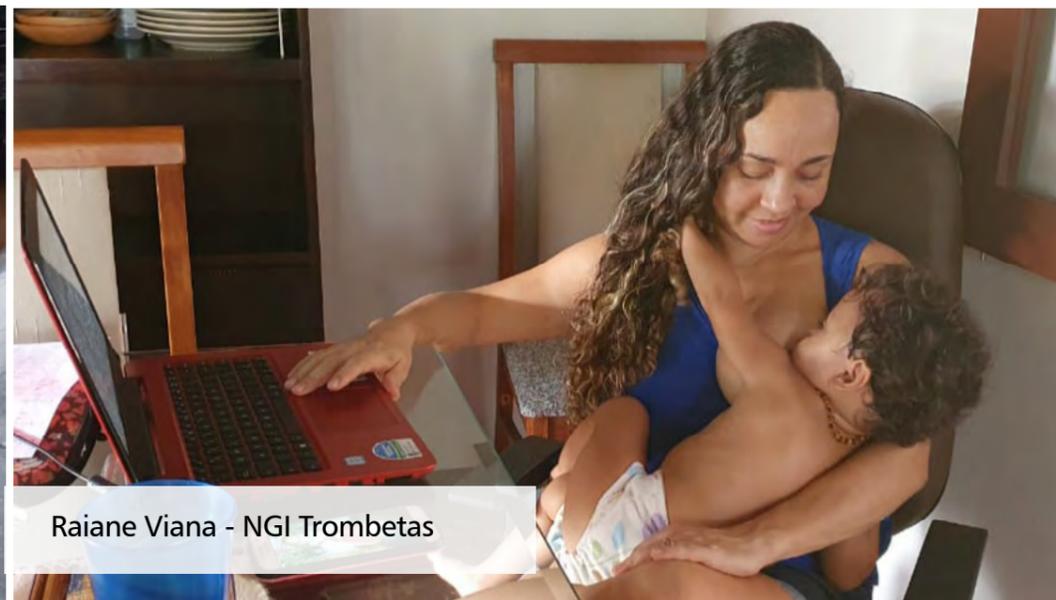
da IUCN e diretor de Conservação da Global Wildlife Conservation; Karen Strier, presidenta da Sociedade Internacional de Primatologia; Sérgio Mendes, diretor do Instituto Nacional da Mata Atlântica; Alcides Pissinatti, chefe do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro; Mauricio Talebi, professor da UNIFESP e coordenador científico do Instituto Pró-Muriqui; Fabiano Melo, professor da UFV e coordenador do Programa de Conservação dos Muriquis de Minas. Também participaram gestores da FF/SP e pesquisadores da ESALQ, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e do Instituto de Pesquisas Ecológicas. Esta ação é parte da Operação Primatas, uma iniciativa interinstitucional para catalisar a implementação dos Planos de Ação Nacional (PAN) para a conservação de primatas ameaçados de extinção, e está especificamente alinhada às estratégias estabelecidas no PAN para a Conservação dos Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça de coleira.

Vista aérea de região onde vivem cinco espécies de primatas: há dois anos incêndio florestal colocou em risco habitat das espécies

Mães em trabalho remoto



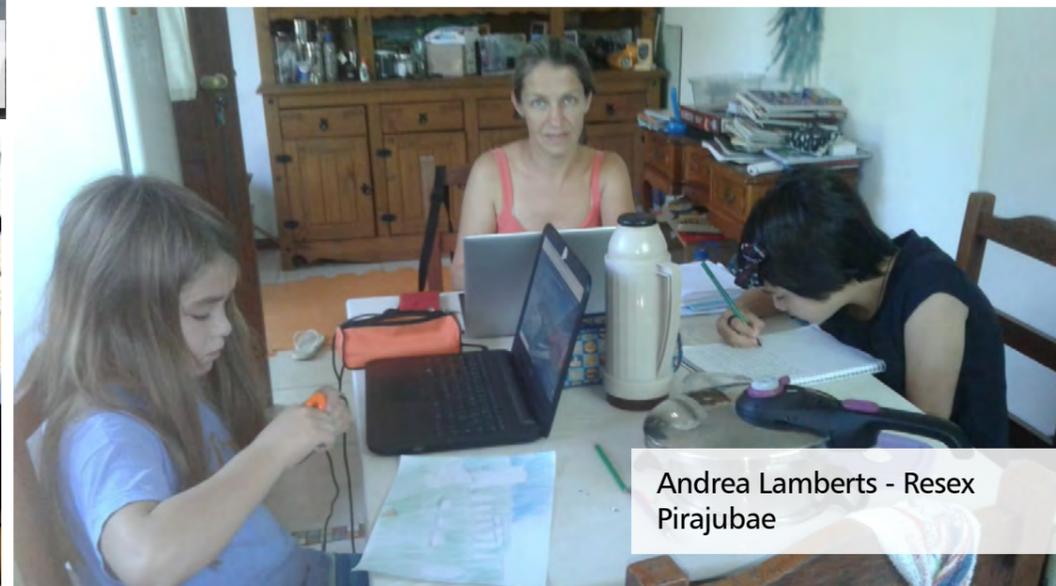
Amely Martins - CPB



Raiane Viana - NGI Trombetas



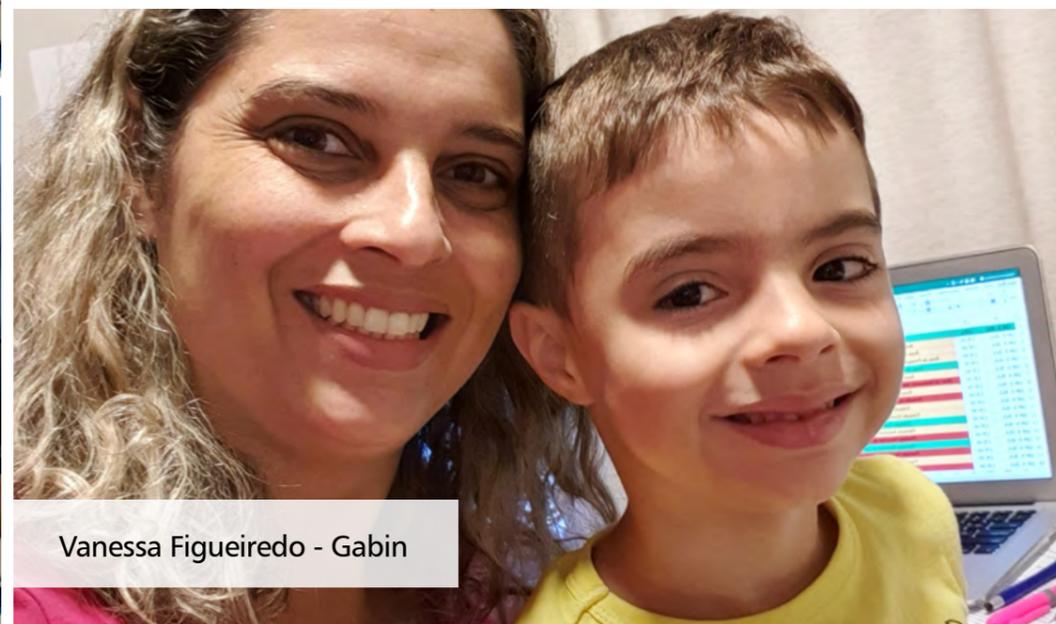
Raquel Trindade - CPB



Andrea Lamberts - Resex Pirajubae



Luciana Pacca - CPB



Vanessa Figueiredo - Gabin



Fernanda Araujo - COPEG



ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Carla Viviane de Oliveira

Projeto Gráfico

Bruno Bimbato
Narayanan Miranda

Diagramação

Marília Ferreira

Revisão de texto

Marjoire de Carvalho Malaquias

Chefe da Divisão de Comunicação

Marjoire de Carvalho Malaquias

Foto da Capa

Acervo Parna da Tijuca

Colaboraram nesta edição

Alexandre Caminha – Resex Arapiranga-Tromaí; Carla Viviane – DCOM; Leandro Goulart – Parque Nacional da Serra dos Órgãos; Leandro Jerusalinsky – CPB; Marcus Carmo – Parna da Tijuca; Patrícia Serafini – Cemave;

Divisão de Comunicação - DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste - EQSW 103/104 - Bloco C - 1º andar - CEP: 70670-350 - Brasília/DF Fone +55 (61) 2028-9280 comunicacao@icmbio.gov.br - www.icmbio.gov.br



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL